

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de expansão da fábrica de equipamentos para energia da empresa Siemens

Jundiaí-SP, 14 de maio de 2007

Eu quero cumprimentar o nosso vice-governador do estado de São Paulo, Alberto Goldman,

Cumprimentar o nosso presidente da Câmara dos Deputados, deputado Arlindo Chinaglia,

Quero cumprimentar os ministros que estão aqui representando o meu governo,

Quero cumprimentar o embaixador da Alemanha,

Quero cumprimentar os diretores da Siemens,

Quero cumprimentar o prefeito de Jundiaí,

Quero cumprimentar, em especial, o Adilson Primo, presidente da Siemens do Mercosul,

E o Uriel Sharef, presidente da Siemens para as Américas,

Cumprimentar os deputados federais aqui presentes. Tenho a informação de que estão aqui o Gilmar Tato, Júlio Semeghini e o Vicentinho,

Cumprimentar os prefeitos da região,

Cumprimentar o Paulo Skaf, presidente da Federação das Indústrias de São Paulo,

Cumprimentar o nosso querido Paulo Godoy, presidente da ABDIB,

Cumprimentar os funcionários e as funcionárias da Siemens,

Cumprimentar a imprensa brasileira,

Bem, eu não vou falar de todas as qualidades da Siemens, porque dois diretores da Siemens já falaram tudo o que a Siemens faz no Brasil, tudo o que ela produz e tudo o que ela representa. Portanto, tudo que eu falasse aqui seria redundância.

Mas nós estamos aqui inaugurando uma parte da Siemens que cuida especificamente do setor elétrico brasileiro. E é exatamente essa parte que

demonstra o grau de confiança da Siemens no Brasil e a confiança da Siemens no Programa de Aceleração do Crescimento.

Eu queria que os funcionários da Siemens, os trabalhadores da Siemens e os diretores da Siemens prestassem atenção num número. Quando eu digo prestar atenção é porque, como os nossos especialistas de som não colocaram um retorno aqui, eu sei que a mesa está tendo dificuldade para ouvir o que se fala aqui. Vocês da frente podem ouvir bem mas, aqui atrás, a gente não ouve tão bem os discursos que as pessoas fazem. Eu queria dar um exemplo para vocês do que está acontecendo no Brasil que, possivelmente, muitos de vocês não sabem.

Em 2004, deputado Arlindo Chinaglia, nós começamos no Brasil um programa chamado Luz para Todos. Esse Programa tinha como objetivo levar energia elétrica gratuita – oferecida pelo governo em parceria com os governos dos estados – para 12 milhões de famílias que não tinham luz elétrica nas suas casas. Na verdade, os números que nós trabalhamos eram dados de pesquisa do IBGE, hoje já estão defasados porque já cumprimos a meta dos dois primeiros anos, e os governadores estão pedindo mais implantação do Luz para Todos, pois em cada casa em que se implanta, aparece outra reivindicando esse direito. Isso significa que você tinha um exército de mulheres e homens neste País, que moram no interior de estados como São Paulo, do Norte ou do Nordeste brasileiro, que ainda não tinham recebido o benefício da energia elétrica. Pois bem, eu vou dar uns números para vocês perceberem o gigantismo de um programa que parece pequeno. Até agora, já cumprimos metade do que tínhamos proposto fazer e, até o final de 2008, queremos atingir a totalidade das famílias que não tinham energia elétrica no Brasil. Até agora, já foram instalados 2 milhões e 470 mil postes. Para vocês terem dimensão do que significa isso, é cinco vezes o número de postes da cidade de São Paulo.

São 470 mil quilômetros de cabos, ou seja, 470 mil quilômetros de fios utilizados até agora, o que significa 12 voltas ao redor do planeta Terra. Já foram instalados 380 mil transformadores e, certamente, a Siemens produziu parte desses transformadores. Oito estados ultrapassaram a meta inicial de universalização da energia elétrica: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo, Santa Catarina, Rio Grande do Norte, Mato Grosso do Sul e

Paraná. E nós já ultrapassamos 750 mil domicílios, que era a meta inicial.

Em 65% das famílias a energia elétrica melhorou as condições de trabalho, de saúde e de estudo. Por conta da energia elétrica, das famílias que receberam o Luz para Todos, 357 mil adquiriram geladeiras, 440 mil adquiriram televisores; em 230 mil famílias, pelo menos uma pessoa deixou de sair do campo para a cidade. Aliás, um tempo desses atrás, a imprensa fez uma matéria que mostrava o contrário do que acontecia há 20 ou 30 anos. Eram trabalhadores urbanos de São Paulo voltando para o campo porque tinha chegado energia na sua terra – diferentemente do que a gente via no êxodo rural, com milhares de pessoas deixando o campo e indo para a cidade porque não tinham condições de trabalhar.

Até agora, mais de 5 milhões e meio de pessoas já foram atendidas com o programa Luz para Todos. E no PAC nós estamos assegurando, meu caro Primo, preste atenção, 8 bilhões e 700 milhões de reais para dar continuidade ao programa Luz para Todos. Isso significa que vocês vão produzir muito mais transformadores. Ao mesmo tempo, esse é um dado importante, a ligação média custa 5 mil reais. Esse é o tipo de ligação que, possivelmente, se o Estado não entrasse, não haveria interesse econômico de uma empresa particular fazer essa ligação, porque como diria um economista – assessor de qualquer um de nós aqui – economicamente não é rentável você ter que colocar 10 postes para levar luz elétrica à casa de uma pessoa. É melhor você fazer numa cidade que tem muita gente próxima uma da outra, aí fica barato, em um poste só você atende dezenas de pessoas. Pois bem, nós asseguramos 8 bilhões e 700 milhões, o custo médio de 5 mil reais e nós ainda damos três bicos de luz e três pontos de ligação, para a pessoa não ficar sem energia depois que a gente liga.

O Ministério da Educação e o Ministério de Minas Energia foram orientados para, no biênio 2007/2008, levar luz... Pasmem, vice-governador, presidente da Câmara, no Brasil nós ainda temos 18 mil escolas públicas sem energia elétrica. São escolas pequenas no interior do País afora, às vezes com salas de aula que têm 10 alunos, 5 alunos, 20 alunos. Não importa, são brasileiros e têm o direito de ter a mesma energia que nós estamos tendo, aqui, na inauguração deste prédio da Siemens. Porque, sem luz elétrica, eles não terão as mesmas oportunidades que têm outros brasileiros. Por isso, nós

determinamos no governo que essas 18 mil escolas sejam atendidas até o final de 2008. Portanto, a Siemens vai produzir mais transformadores e, possivelmente, vai gerar mais empregos. E gerando mais empregos, quem sabe vocês vão poder pedir até um pouco mais de aumento de salário, porque é essa a lógica de todos nós neste mundo de guerra. Vocês pensam que os trabalhadores não gostam de aumento de salário? Gostam. E vocês da imprensa também gostam. Se os donos dos jornais resolverem agraciá-los, já que a inflação está baixa, seria uma boa medida.

Mas eu queria dar outros números para vocês. Certamente, a direção da Siemens já pegou o material do PAC para estudar. Certamente, o Paulo Skaf e o Paulo Godoy estão com suas equipes debruçadas em cima do PAC. E certamente, também, outros companheiros espalhados pelo Brasil afora estão fiscalizando o PAC. A imprensa vai fiscalizar o PAC, a oposição vai fiscalizar o PAC, os sindicatos precisam fiscalizar o PAC, até porque o PAC não é um programa meu ou do governo, é um programa feito pela sociedade brasileira. Aqui tem muitos empresários que contribuíram com a confecção do PAC. Portanto, se o PAC for cumprido na sua programação, quem ganhará é o Brasil e não o presidente da República.

Só na infra-estrutura energética nós temos 459 ações, das quais 39% já estão em obras. São muitas de energia, que chegam a 132 obras; são muitas de linhas de transmissão elétrica, que chegam a 37; são muitas na questão do petróleo e gás, que chegam a 48 obras; e são bastante na área de combustíveis renováveis, que são 62, num total de 279 ações que já estão com o projeto licenciado ou já foram licitadas. E, dessas, 180 já estão em obras. Significa que a Siemens e outras empresas se preparem, porque tem muita coisa para fazer.

Na área de geração de energia, nós temos hoje no Brasil, em implantação, 56 projetos de hidrelétricas. Estamos hoje com mais 17 estudos em elaboração e temos mais 18 estudos de viabilidade ou com Eia/Rima já aprovado. Serão mais 35 e, dentre elas, nós temos três hidrelétricas muito grandes no Brasil. Temos Santo Antônio, temos Jirau e temos Belo Monte, no Pará.

É importante lembrar aqui, para a gente não fazer falsas acusações a quem quer que seja. O dado concreto é que para construir uma

megahidrelétrica dessas, precisa ter duas responsabilidades: a responsabilidade de fazê-la mais a responsabilidade de fazê-la respeitando todas as regras, para que a gente possa cuidar do meio ambiente. Se formos irresponsáveis ao cuidar do meio ambiente, possivelmente, na minha idade a gente possa não enxergar os malefícios, mas certamente os nossos netos irão nos cobrar.

Portanto, essa combinação entre a pressa de fazer a obra e a pressa de cuidar com muito carinho do meio ambiente precisam andar juntas. De vez em quando eu vejo a imprensa publicar que tem uma briga entre a ministra Marina e a ministra Dilma. Entre dois ministros não tem briga, na hora em que tiver divergência, levam na minha mesa e nós deliberamos. Eu posso contar para vocês que no regime presidencialista não existe divergências com o presidente da República, posso garantir para vocês. Essas obras precisam sair porque o Brasil precisa delas, e elas vão sair com a responsabilidade de um País que quer crescer economicamente. Mas queremos cuidar deste País ambientalmente também.

Mais ainda, na questão de transmissão de energia. Esse é um dado importante, meu caro Paulo Godoy. Nós terminaremos este ano concluindo 23% de tudo o que foi feito no Brasil em 123 anos. Ou seja, de tudo o que foi feito de linha de transmissão em 123 anos, em cinco anos nós estaremos fazendo 23% de tudo isso. Temos números muito importantes. Entre 2007 e 2010, nós vamos concluir mais 8 mil e 819 quilômetros de linhas de transmissão. Para que nós estamos fazendo isso? Para evitar que quando falte água nos lagos do Sul do País e tenha água de sobra nos lagos do Sudeste, a gente não tenha como transferir a energia, que foi um pouco do que aconteceu em 2001. E a gente precisa aprender com os erros que a gente mesmo comete, porque naquela época nós tínhamos excesso de água no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina e tínhamos falta de água em São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Mas não tínhamos linha de transmissão. Hoje, só falta ligar o Norte ao Nordeste e já estamos com o projeto pronto para fazer a ligação da usina Jirau e Santo Antônio, das hidrelétricas até a linha de Araraquara, para que a gente possa fazer uma ligação de todo o sistema elétrico brasileiro e permitir que não falte mais energia no nosso País.

Obviamente que nós precisamos trabalhar. Se a economia vai crescer –

o que eu sonho, o que eu desejo e o que eu sei que todo mundo quer – acima de 5%, a uma média de 5%, nós precisamos, a cada ano, produzir cinco anos para a frente a energia que vamos consumir, para gerar tranquilidade nos investidores brasileiros. Mas não é apenas isso na questão da linha de transmissão. Além dos 8 mil e 819 quilômetros que vamos fazer até 2010, nós temos também pensados, de 2007 a 2010, mais 9 mil e 637 quilômetros, que estão previstos em estudos, para ver se no próximo ano a gente começa a preparar leilões, porque nos leilões de transmissão de energia tem aparecido muita gente. Significa que é uma coisa boa para o Brasil e boa para os empresários que fazem os investimentos. O Paulo Godoy está até rindo ali, Paulo Skaf, dá uma olhada no sorriso dele.

Bem, mas não é apenas isso. Nós também estamos trabalhando muito na questão do desenvolvimento do petróleo e do gás. Só de gasoduto, nós temos previstos 4 mil e 700 quilômetros de gasoduto para produzir energia elétrica e para produzir o funcionamento de grandes indústrias no setor brasileiro.

Nós temos boas notícias do PAC na área da Petrobras, porque nós temos perspectivas de descobrir mais gás, mais petróleo e vamos, assim, tocando o barco.

Eu vou dizer uma coisa importante para vocês. No biocombustível nós temos, para entrar em operação em 2007, mais 20 novas usinas de biodiesel. Temos 26 usinas que estão sendo projetadas, temos mais 17 para entrar em operação em 2007 – de etanol essa – e tem mais 60 projetadas para os próximos anos. Eu estou dizendo esses números para vocês porque é preciso que a gente tenha uma exata noção do que está acontecendo no Brasil, e nós sabemos claramente que os empresários sérios deste País, aqueles que acreditam no Brasil, sabem da seriedade com que o governo está tratando de controlar e de trabalhar a co-gestão desse PAC – envolvendo empresários, envolvendo outros ministros, envolvendo a sociedade. Cada deputado vai receber um relatório disso, cada senador vai receber um relatório disso, porque o que nós queremos é que o PAC seja definitivamente fiscalizado.

Mas eu queria terminar dando um número aqui, Miguel Jorge, que eu gosto de dar. Quando se trata de produzir energia, tem muita gente que gosta de vender facilidades. E não existem facilidades. Este País tem lei, este País

tem Ministério Público, tem Tribunal de Contas, este País tem Ibama, este País tem os institutos estaduais, este País tem uma série de organismos de fiscalização, e é bom que seja assim, porque quando não teve fizemos coisas deformadas, como a hidrelétrica de Balbina, que é um monumento à insanidade neste País.

Então, nós não queremos cometer mais erros, vamos fazer as coisas corretas para que a gente possa ser motivo de orgulho, não apenas na nossa capacidade de gerar energia, mas também na nossa capacidade de combinar a geração de energia com o cuidado com o aquecimento do Planeta, que é uma coisa que está na moda. Criou-se até o crédito de carbono, mas até agora eu quero saber quem está recebendo o crédito de carbono neste mundo, porque o Brasil diminuiu, nos últimos dois anos, em 53% o desmatamento. E era para termos recebido alguns centavos, de euro ou de dólar, de crédito de carbono, e até agora não recebemos.

E depois, com o biodiesel, cada vez que a gente plantar uma lavoura de palma, uma lavoura de mamona, uma lavoura de soja, uma lavoura de algodão, uma lavoura de girassol, uma lavoura de pinhão manso, alguém precisa nos dar um pouco de crédito de carbono, porque nós estamos plantando novas árvores que vão seqüestrar o carbono que alguém vai ter que nos pagar. Eu estou indo agora para o G-8, numa reunião em Berlim, onde esse vai ser um assunto a ser discutido, e estou me preparando agora para poder debater com os países ricos a questão do aquecimento global.

Mas eu queria dizer uma coisa para vocês. Esses dias eu fui a Isla Margarita, na Venezuela, discutir a questão energética. E lá nós apresentamos um estudo, Paulo Godoy, que poderia ser feito aqui no Brasil, de todo o nosso potencial. Hoje nós temos, no mundo inteiro, uma reserva de petróleo de aproximadamente 1 trilhão e 450 bilhões de barris de petróleo. É o que tem no mundo descoberto até agora. E talvez a mesma quantidade de gás. E a gente estava fazendo um estudo – e aqui vale para Siemens e para os empresários brasileiros – do potencial de energia hidráulica que a América do Sul pode produzir.

Nós temos na América do Sul um potencial de reserva de 540 mil megawatts de energia limpa, renovável. Esses 540 mil megawatts, transformados em barris de petróleo, dariam 1 trilhão e 359 bilhões de barris de

petróleo. Ou seja, significa que só na questão da energia elétrica produzida por hidrelétrica nós temos o equivalente à reserva de petróleo do mundo. É por isso que eu acredito na integração, porque se nós estabelecermos uma política de integração correta na América do Sul, e como nós somos um continente grande e chove em épocas diferentes em cada região do continente, significa que vai ter momentos em que vamos ter excesso de chuva num lugar e falta de chuva em outros. Se a gente tiver uma ligação via linha de transmissão no nosso continente, possivelmente estaremos resolvendo grande parte do problema de energia que pode se apresentar para a gente nos próximos 15 ou 20 anos.

Eu estou convencido, meus caros empresários, meus caros deputados, de que o século XXI é o século em que se a América do Sul pensar minimamente grande e pensar nela, nós poderemos nos transformar, neste século, no que a Europa conseguiu ser no século XX. Parece impossível, parece difícil porque nós mesmos, muitas vezes, jogamos para baixo, muitas vezes não acreditamos em nós. Nós somos um país fantástico, nós fazemos piada de nós mesmos, nós gostamos de fazer apologia à miséria. É assim mesmo, o Brasil é assim e a gente não vai mudar, porque isso faz parte da nossa cultura, mas entre uma coisa e outra temos que pensar seriamente no que nós queremos. É por isso que o ministro da Ciência e Tecnologia veio comigo e vai visitar essas empresas, porque nós estamos investindo em ciência e tecnologia como jamais se investiu neste País. Ele, que é cientista, pode dizer quantos doutores formamos nos últimos quatro anos. Da mesma forma que anunciamos o PDE, o Plano de Desenvolvimento da Educação, que é condição fundamental para este País dar um salto de qualidade, com profissionais melhores formados, ganhando melhores salários, tendo mais capacidade de produzir novas tecnologias. E hoje, 52% das nossas exportações já são de produtos manufaturados. A gente pode chegar a 60%, a 70%, e o Brasil irá se transformar numa grande e definitiva economia quando a gente estiver exportando conhecimento ou inteligência.

Quando eu falei na questão hídrica, é porque muitas vezes as pessoas não pensam, e eu estou querendo fazer esse debate muito aberto no Brasil. Aliás, Arlindo, eu acho que a Câmara e o Senado poderiam criar comissões para debater essas coisas o tempo inteiro, levar os especialistas. Nós

precisamos parar com essa história de achar que a responsabilidade de fazer as coisas certas é do governo ou se errar, é o governo. A obrigação é de todos nós. Se todo mundo acertar, quem ganha? É o Brasil. Se todo mundo errar, quem perde? É o Brasil.

Pois bem, fala-se muito de energia eólica. De vez em quando a gente está discutindo a questão ambiental e alguém fala: “Presidente, por que não faz energia eólica?” A energia eólica tem dois problemas. Primeiro, um megawat/hora custa quase 171 dólares. Segundo, uma usina de 100 megawats que você constrói vai produzir, em média, só 30%. Ela não dá certeza porque o vento não é constante, não venta todo dia, não venta toda hora, não é na mesma velocidade. Uma termelétrica de óleo diesel custa 301 dólares o megawat/hora. Um megawat da hidrelétrica custa, com imposto e tudo, 51 dólares. Então, é muito mais barato a renovável. E aí, combinando isso com a nossa política de biocombustíveis, Paulo Skaf, escreva no livrinho da Fiesp: este País, no meio deste século, será uma das mais importantes economias do mundo. Só não será se nós não formos competentes e se não quisermos ser, depende única e exclusivamente de nós. Quando a gente vem numa empresa como esta inaugurar um centro tecnológico como este, e a gente percebe que é da mão desses trabalhadores brasileiros que podem sair coisas ainda melhores do que isso, eu não tenho dúvida de que não há por que não acreditar neste País.

Parabéns, Siemens, pela sua crença no Brasil. Parabéns à Direção e, sobretudo, parabéns aos trabalhadores, porque se vocês não fossem competentes, a Siemens possivelmente fosse para a China e não ficaria no Brasil.

Um abraço.